



RADIOFOTO UPI

O corpo de Galante no Joe and Mary: fora de sintonia com os novos tempos

MÁFIA

Morre o chefão

Sangue e luta pelo poder entre "famílias"

Quando a polícia chegou ao Joe and Mary Italian-American Restaurant, na Knickerbocker Avenue, no Brooklyn, Nova York, na tarde da última quinta-feira, um charuto ainda fumegava entre os lábios do cadáver de Carmine Galante. Ele tinha uma ferida a bala no rosto, provavelmente de uma pistola calibre 45, e o tiro de rifle que recebera no peito, quase à queima-roupa, teve um impacto tão brutal que o arrancou da mesa a que estava sentado e o jogou contra a parede do pequeno pátio traseiro do restaurante, onde ele almoçava ao ar livre com três outras pessoas. Dessas, só uma, não identificada, escapou com vida. Leonardo Coppola, de idade incerta, guarda-costas de Galante, e Giuseppe Turano, 48 anos, dono do restaurante, foram mortos. John, filho de Turano, de 17 anos, a primeira pessoa com quem os bandidos toparam, recebeu dois tiros de rifle nas costas e foi conduzido, em estado grave, a um hospital.

Galante, 69 anos, chefe de uma das cinco "famílias" da Máfia de Nova York e aspirante ao posto de *capo di tutti capi* da organização, tinha sido liquidado num cenário digno das execuções promovidas nos velhos tempos de Al Capone ou Lucky Luciano. O algo bucólico pátio batido de sol, pontilhado por barreiras e tomates, estava coelhado de sangue. Na mesa onde o chefe mafioso almoçava, coberta com uma toalha florida, havia uma salada de tomate e alface não terminada, alguns pãezinhos, pêssegos, uma jarra de

vinho. Don Carmine teve um olho perfurado a bala. Metade do rosto de Coppola, o guarda-costas, fora arrancado a tiros. A metódica violência da execução aponta para uma direção: está em curso uma luta pelo poder na Máfia. Ou seja, foram profissionais altamente especializados, a soldo de um *capo* rival, os responsáveis pelo fim de Galante.

CADILLAC PRETO — O estilo de ação dos assassinos seguiu o mesmo modelo clássico do cenário. Enquanto um Cadillac preto com dois ocupantes fechou uma travessa para deixar livre o tráfego na avenida Knickerbocker, cinco dos criminosos, usando máscaras de esqui e portando automáticas e rifles, desceram em frente ao restaurante. Três chegaram num Mercury azul e os outros dois num carro de modelo antigo que vinha atrás. Esses dois ficaram vigiando a entrada.

Os três do Mercury, então, invadiram o restaurante. John Turano, o filho do proprietário, estava no salão da frente e foi sendo empurrado para a parte de trás do restaurante. No segundo salão, os bandidos ignoraram três fregueses e

correram para o pátio. Don Galante não teve nem tempo de se levantar da mesa: ele, Coppola e Turano foram alvejados de uma distância de 1,5 metro. O jovem John tentou fugir — mas foi baleado pelas costas. E a misteriosa personagem que era o quarto comensal da mesa do Don assassinado desapareceu, ileso. Seria talvez um traidor entre o próprio pessoal do *capo* morto. À moda mafiosa, ele poderia ter revelado aos interessados o local e a hora do almoço do chefe, acompanhando-o, no entanto, para não despertar suspeitas.

"REI DA DROGA" — O crime parece ser ainda parte da luta para a sucessão de Carlo Gambino, morto de morte natural em 1976, e último dos *godfathers* que dominaram a Máfia americana nas duas décadas anteriores. Seus contemporâneos ou já morreram ou gozam a aposentadoria em fortalezas particulares no "Cinturão do Sol" americano — na Flórida, no Arizona, na Califórnia. Gambino misturava uma extraordinária malícia com tato diplomático e férrea disciplina. Com isso, ele chegou a dominar a poderosa Máfia nova-iorquina e, conseqüentemente, estabelecer sua hegemonia sobre as 21 outras "famílias" espalhadas pelos Estados Unidos.

Don Carmine Galante teve topete para divergir do próprio Gambino em vida — criticando o *capo*, por exemplo, por não querer se envolver no tráfico de narcóticos. Em 1974, ao deixar a prisão depois de cumprir pena de doze anos por tráfico de drogas, Galante, até então membro do segundo escalão mafioso, começou a escalada que o levaria a ser o "rei da droga" em Nova York: ele se apoderou do controle da "família" Bonnano, cujo chefe havia deixado os negócios para viver no ócio em Tucson, Arizona. No começo, as coisas se complicaram: Philip Rastelli, líder de outra

As "famílias" de Nova York



As "famílias" ainda conservam o nome de seus antigos chefes em décadas passadas. Thomas Di Bella, atual chefe da "família" Colombo, nunca foi fotografado.

"subfamília", teve que ser advertido com o fuzilamento de um de seus genros para deixar o caminho livre a Galante.

DISPUTA — Métodos pouco sutis foram uma constante na longa carreira criminosa desse *Don*, nascido em Nova York, filho de imigrantes sicilianos, que começou a delinquir aos 10 anos de idade e passou mais de vinte em reformatórios e prisões. "Galante vinha forçando muito a barra", diz o tenente Remo Franceschini, da polícia de Nova York, um especialista em Máfia que há anos seguia a carreira de Galante de perto, lembrando que o *capo* abertamente dizia querer controlar as "famílias" de Nova York. Para ele, Galante deve ter sido executado por ordens de Frank "Funzi" Tieri, atualmente chefe da "família" do extinto Vito Genovese. Outro especialista, Thomas Puccio, do Departamento de Justiça, acha que Galante não tinha chance de chegar ao topo. "Ele estava muito ligado ao velho sistema — agiotagem, jogo, narcóticos. Isso é muito arriscado hoje em dia para os gangsters. Ele não estava em sintonia com o tipo de extorsão 'limpa' que está mais em moda."

Galante, pois, está de fora — mas não se descarta que a disputa entre os mafiosos continue. Afinal, a Máfia tem interesses em jogo, prostituição, pornografia, agiotagem, extorsões, narcóticos e um leque de atividades legais — de creches e pizzarias e empresas de coleta de lixo, até máquinas de vender cigarro, casas funerárias e lavanderias. E tudo isso, segundo diferentes cálculos do governo americano, movimentada nada menos que 48 bilhões de dólares — ou quatro vezes o volume anual de exportações do Brasil. ●

INGLATERRA

O Estripador-II

Um novo maníaco repete o legendário criminoso

"George, vou atacar de novo", dizia a voz pausada. "Pode ser em setembro, ou outubro... ou mesmo antes." A mensagem foi dirigida a George Oldfield, o corpulento subchefe do setor de crimes da polícia de Yorkshire, no nordeste da Inglaterra. E sua gravação foi transmitida pela televisão a milhões de pessoas em todo o país, solicitadas a reconhecer o dono da voz. Uma vez mais, a polícia britânica estava às voltas, na

semana passada, com um de seus maiores adversários e o aterrorizador-mor da opinião pública — a versão moderna de Jack, o Estripador, o famoso assassino que, em 1888, colocou em pânico o East End de Londres, com sua sucessão de crimes sádicos.

O novo estripador, de um ponto de vista, já superou seu antecessor — em número de vítimas. No século passado, pelo menos sete mulheres foram mutiladas pelo lendário assassino. O novo Jack já matou onze. As similitudes, porém, oferecem os mesmos contornos horripilantes. Tal como o primeiro estripador, o de Yorkshire viola e mutila horivelmente suas vítimas — todas



O Estripador original: ainda um mistério

brutalmente espancadas e, depois, esquarteradas. Ele não chegou, é verdade, ao requinte do Jack original, que um dia mandou embrulhado o seio de uma de suas vítimas para o chefe de polícia da época, e que abria sistematicamente o ventre das mulheres atacadas, remexendo em suas vísceras. Mas também tem o hábito de escrever cartas aos encarregados das investigações. E, apesar do gigantesco esforço desenvolvido até agora pela polícia britânica, sua prisão parece remota — fazendo temer, até, que ele repita o outro Jack, que nunca foi identificado.

SALIVA — Para descobrir o novo Jack, foram mobilizados nada menos que 500 policiais, sob o comando de George Oldfield, que trabalha uma média de 15 horas por dia. E, até a semana passada, as investigações já tinham consumido a mirabolante quantia de 3 milhões de libras (cerca de 174 milhões de cruzeiros). Desde o apareci-

mento da primeira vítima, quatro anos atrás, a equipe comandada por Oldfield ouviu nada menos que 200 000 pessoas, ao longo de 270 000 horas de trabalho. E já tem em seus arquivos 350 000 fichas com informações de todo tipo vindas do público.

Uma das principais dificuldades da polícia parece ser o fato de que o novo Jack não atua apenas numa única cidade. A primeira vítima, Wilma McCann, de 28 anos, mãe de quatro filhos, foi encontrada morta perto de sua casa na cidade de Leeds, na madrugada de 30 de outubro de 1975. Outros corpos também seriam encontrados depois em Leeds. Mas a polícia também descobriu

mulheres mutiladas em cidades como Preston, Bradford, Manchester e Halifax. Ao todo, o novo estripador já atacou quinze mulheres. Mas quatro delas conseguiram escapar com vida, mesmo brutalmente feridas — aparentemente o estripador, nessas ocasiões, fugiu, temendo a aproximação de outras pessoas.

Seu último ataque ocorreu há apenas dois meses, em Halifax

— e levou a polícia a alertar todas as mulheres da região, pois a vítima não era, como de hábito, uma prostituta. Quase irrepreensível em seus cuidados para ocultar sua identidade, o novo Jack terá cometido, porém, alguns descuidos que não escaparam à atenção cada vez mais requintada dos investigadores. Por exemplo, pela saliva que usou para colar os selos nas cartas enviadas a George Oldfield, a polícia descobriu que ele é um homem de grupo sanguíneo raro. A partir das pegadas que deixou junto a uma de suas vítimas, os policiais conseguiram ainda uma idéia de seu peso. E, tanto pela caligrafia como por sua voz, decididamente do norte inglês, acredita-se que se trata de alguém de inteligência acima da média, embora não possuidor de cultura acadêmica. Resta saber se isto ajudará a chegar até o novo Jack — antes que ele se transforme num mistério tão impenetrável como o de seu inspirador, no século passado. **JADER DE OLIVEIRA**